

ENTRE O MAR E OS HOMENS: OS PRIMÓRDIOS DA CAÇA DAS BALEIAS NO LITORAL PAULISTA (1727-1748)¹

DIAMANTE, Isabelly Takamatsu Nuno²

RESUMO

O presente projeto de pesquisa busca realizar um mapeamento analítico do início da caça às baleias no litoral paulista, investigando sua relevância para a economia colonial e a interação da sociedade paulista com essa prática exploratória. O estudo abrange o período de 1727 a 1748, contemplando desde a introdução das armações baleeiras até as transformações que levaram a capitania de São Paulo a tornar-se subordinada ao Rio de Janeiro, analisando os impactos dessa mudança na atividade baleeira. Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa baseia-se na análise documental de um conjunto de registros do Conselho Ultramarino, acessados online pelo Projeto Resgate. A partir desse levantamento, busca-se compreender os diferentes agentes envolvidos na caça às baleias, os mecanismos de regulação da atividade e os interesses econômicos e políticos que impulsionaram sua implementação no litoral paulista. Dessa forma, o estudo pretende evidenciar a complexidade desse processo, considerando tanto os aspectos econômicos quanto as dinâmicas sociais que permearam a exploração baleeira na região.

Palavras-chave: Baleia, Pesca, Conselho Ultramarino.

INTRODUÇÃO

Na América portuguesa, a instalação das primeiras armações baleeiras remonta ao ano de 1602, no período da União Ibérica, ocorrendo no Recôncavo Baiano, com a chegada de pescadores “Biscainhos”.³ Poucos anos depois, em 1614, instituiu-se o primeiro arrendamento do monopólio da pesca da baleia, após o curto período de caça livre ao grupo.⁴ Inserida no interesse português de ampliar rendimentos para financiar as despesas coloniais — civis, militares e religiosas —, a baleia passou a ser considerada ‘peixe real’, ou seja, tornou-se propriedade da Coroa, com isso passou a regular a atividade na costa e limitar o livre acesso.⁵ Assim, inserida no âmbito dos monopólios régios, a exploração baleeira integrou-se aos contratos reais: direitos exclusivos de matar e comercializar sob pagamento prévio à administração régia.

A abundância de cetáceos na costa brasileira aliada à escassez de recursos, foi essencial para a consolidação do caráter predatório que a atividade adquire.⁶ Arelado à expansão da pesca, consolidou-se uma percepção utilitarista do animal, reduzido à condição de coisa e de recurso explorável, transformando profundamente a relação entre

¹ Projeto de Iniciação Científica, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP. (Processo: 2024/08981-5)

² Graduanda em História Licenciatura; na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Guarulhos; São Paulo; takamatsu.isabelly@unifesp.br

³ ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil Colonial**. São Paulo, Edições Melhoramentos/EdUSP. 1969. p. 35, 107.

⁴ *Id.* p. 106

⁵ *Id.* p. 35.

⁶ BACHA, Marcella Faustino Fernandes. **O legado da exploração baleeira para o desenvolvimento tecnológico brasileiro**. 2016. p. 715

o homem e o meio natural.⁷ Dessa forma, a atividade baleeira brasileira no Atlântico Sul, sustentada por saberes tradicionais e técnicas adaptadas ao ambiente tornou-se uma das mais importantes fora do eixo do Atlântico Norte.⁸

Inicialmente restrita a Bahia e Rio de Janeiro, a exploração se expande em um momento de crescimento da atividade mineradora, no qual, grande parte da produção aurífera era escoada pelo porto do Rio de Janeiro, resultando em um fluxo intenso de navios, impactando a presença de baleias no litoral. Visando mitigar possíveis prejuízos econômicos, tornou-se estratégico e de grande interesse investir na instalação de novas armações em outras áreas do território colonial.⁹ Resultando na construção de feitorias em pontos estratégicos da capitania de São Paulo, como Santos, Ilhabela, São Sebastião, Bertioga e Cananéia.¹⁰

Assim, a presente pesquisa realizada em nível de Iniciação Científica, investiga os primórdios da caça às baleias na Ilha de São Sebastião (atual Ilhabela), enfatizando sua relevância para a economia colonial e as interações da sociedade local com essa atividade exploratória. O recorte temporal, tem como razão a escassez de estudos específicos sobre a baleação paulista, seus impasses, interesses e agentes envolvidos no início da atividade. Nesse contexto, analisa-se a introdução das armações baleeiras, os interesses subjacentes à sua implementação e os agentes envolvidos, junto a isso as disputas, embates e possíveis prejuízos que a prática poderia ocasionar, possuindo como pano de fundo a mercantilização paulista.

OBJETIVOS

A presente pesquisa propõe-se a mapear a prática baleeira no âmbito da capitania de São Paulo, destacando sua relevância enquanto elemento interveniente no processo histórico, destacando assim mais uma relação entre colonização e exploração ambiental. A partir de um conjunto documental pouco explorado, são revelados os interesses, agentes e embates em torno da instalação da exploração baleeira na costa de São Paulo. O trabalho busca compreender de que modo a atividade baleeira se insere nas dinâmicas imperiais mas também locais e cotidianas, revelando implicações sociais, econômicas e ambientais próprias ao litoral paulista. Trata-se, portanto, de traçar uma prática ainda pouco problematizada na região, que lança luz para as relações de poder, formas de relação contratual e a comercialização dos cetáceos, contribuindo para o entendimento das interseções entre colonização e exploração ambiental no século XVIII.

Dialogando com a obra clássica de Myriam Ellis e com a historiografia que destaca o protagonismo local. A pesquisa visa inserir a exploração baleeira nas transformações econômicas e sociais do século XVIII – especialmente no contexto das explorações auríferas – e destacar seu impacto em São Paulo. Embora a prática não tenha alcançado o mesmo destaque que a produção de açúcar, ouro e diamantes, teve na colônia seus dias de grandeza¹¹. Busca-se ampliar a compreensão das relações entre colonização e exploração ambiental, rompendo com enfoques tradicionais que limitam os

⁷ AZEVEDO, Nina Vieira Portugal. **A taxonomia da baleação portuguesa entre os séculos XV e XVIII**: uma história atlântica do mar, das baleias e das pessoas, 2020. 435f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2020. p. 131; CAMPHORA, Ana Lucia. **Animais e sociedade no Brasil dos séculos XVI a XIX**: história ambiental, composição de direitos e políticas contemporâneas. 2º Seminário de Meio Ambiente e Sustentabilidade. 2017, p. 09

⁸ AZEVEDO, Nina Vieira Portugal. **A Comparative Approach to Historical Whaling Techniques**: Transfer of Knowledge in the 17th century from the Biscay to Brazil. Cross-Cultural Exchange And The Circulation Of Knowledge In The First Global Age, ., v. , n. , p. 125-143, jan. 2018. p. 137

⁹ DIAS, Camila B. **A pesca da baleia no Brasil colonial**: contratos e contratadores do Rio de Janeiro no século XVII. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010., p. 38.

¹⁰ ELLIS, Myriam. *Op. cit.* p. 48-50.

¹¹ PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 26,

produtos-chave da colônia a narrativas unidimensionais. Ao adotar essa abordagem de evidenciar as relações, trocas e explorações na capitania paulista, pretende-se reconfigurar a relação colonial para além dos gêneros mais pesquisados, e assim romper com o enfoque centrado que relegam outras produções ao mero esquecimento.¹²

A baleação consolida-se como uma atividade comercial que exemplifica a transformação da utilização dos recursos marinhos em matérias-primas, além de transformar as relações e ocupações desenvolvidas, caracterizando uma prática voltada para o uso integral do animal, em um espaço terrestre e marinho que se conecta.¹³ Assim, a partir deste trabalho denota-se a maneira com que o massacre realizado contra as baleias se insere nessa lógica de exploração, na qual a relação homem-animal mostra-se estreitamente marcada pelo domínio e controle do segundo, sendo a matança a manifestação extrema desse domínio, em uma prática que envolve um conjunto de ações, interesses individuais, ideias e atitudes.¹⁴

Ao considerar esses aspectos, busca-se evidenciar a marginalização da prática baleeira e compreender as consequências que ela produziu na construção da narrativa acerca da relação entre os homens, a baleia e os mares.¹⁵ Inserida no contexto da mercantilização paulista, a atividade permite questionar a imagem da capitania como um espaço esquecido e economicamente irrelevante após a descoberta do ouro. Essa abordagem revela-se ainda mais pertinente diante da escassez de estudos específicos sobre a realidade paulista para esses anos, seus impasses, interesses e agentes envolvidos no início dessa atividade em sua costa. Dessa maneira, a pesquisa visa preencher essa lacuna, contribuindo para o entendimento das dinâmicas econômicas e sociais que sustentaram essa atividade no Brasil colonial.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa trata-se de uma análise documental qualitativa, partindo da transcrição dos documentos, juntamente com sua tabulação, leitura crítica e contextualizada das fontes, visando identificar os agentes envolvidos, seus interesses e a maneira como a prática foi implementada. O conjunto trabalhado trata-se da documentação Avulsa acessada de maneira online pelo site do Projeto Resgate. Em geral, são utilizados 22 documentos, incluindo requerimentos, concessões relacionadas à pesca, discussões e decisões do Conselho Ultramarino, solicitações de mão de obra, problemas nas instalações, monopólios e transportes de produtos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inserida em um contexto de apropriação contínua, a exploração dos recursos vivos do mar e as atividades a eles vinculadas também ganham centralidade, no qual o aproveitamento passa a representar uma nova fronteira de exploração. Desde a formação da própria nação portuguesa, o mar foi integrado aos projetos expansionistas, no caso da baleia, impulsionando inovações técnicas resultantes das expedições atlânticas e da incorporação de saberes de baleeiros estrangeiros — como franceses e espanhóis —, além do desenvolvimento de práticas adaptadas. Assim, o oceano, concebido como espaço de travessias, transforma-se em território de disputa, apropriação e controle, rompendo com a ideia de vazio material e afirmando-se como um espaço vivo, na qual

¹² SILVA, Luiz Geraldo. **Os pescadores na história do Brasil**: Colônia e Império. Petrópolis, 1988. p. 22

¹³ AZEVEDO, Nina Vieira Portugal. **Desvendando as baleias do Brasil**: fantasmas na história global da baleação. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 19, n. 2, e20230021, 2024. p. 15

¹⁴ *Id. Op. cit.*, 2020, p. 03

¹⁵ *Ibid.*

experiências humanas são incorporadas junto à agência de seus elementos naturais.¹⁶

No caso da Capitania de São Paulo, a concessão para exploração da pesca da baleia ocorreu por meio de um assento firmado em 1729 entre a Coroa e o contratador Domingos Gomes da Costa. A caça às baleias, portanto, insere-se no conjunto de práticas extrativistas coloniais, revelando mais um gênero inserido na dinâmica predatória, com que os recursos naturais não renováveis foram sistematicamente explorados no Novo Mundo.¹⁷

A atividade baleeira assim, integrou um conjunto de meios que a caracterizavam para além da caça em si, a prática envolvia o desenvolvimento de métodos de captura, técnicas de abate e distintos processos de aproveitamento das carcaças, a fim de extrair produtos destinados ao consumo e à comercialização.¹⁸ Dessa maneira, cada parte da baleia tinha uma destinação econômica e nada se desperdiçava.

Insere-se assim na lógica mercantilista do Império Português, transformada em monopólio régio, a exploração passou a depender da arrematação de contratos junto à Fazenda Real. Esses contratos concediam, mediante pagamento prévio, o direito exclusivo de exploração, revelando a institucionalização do interesse econômico da Coroa sobre os recursos naturais disponíveis nas colônias. Nesse contexto, integrando uma realidade junto aos monopólios amplamente conhecidos como o pau-brasil, a exploração do sal e o comércio de escravizados, que afetaram diretamente a vida da colônia.¹⁹

Com isso, as análises preliminares demonstram que a caça às baleias, apesar de pouco lembrada frente a outras atividades econômicas, produziu excedentes significativos de matéria-prima, reforçando o monopólio régio e beneficiando tanto o comércio português quanto o circuito mercantil paulista. A exploração integral do animal, transformando-o em produto comercial, revela mais uma exploração inserida na lógica colonial. Contudo, ao romper com visões reducionistas da colônia, este estudo destaca a baleação como integrante do contexto da mercantilização paulista e como mais um exemplo eloquente das múltiplas formas de exploração ambiental presentes no projeto colonial. A pesquisa reafirma, assim, que a apropriação dos recursos naturais não apenas sustentou o empreendimento imperial, mas também moldou as relações entre homem, território e natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora ainda em desenvolvimento, a reconstrução da trama inicialmente focada no primeiro contratador, Domingos Gomes da Costa, demonstra o modo com que a prática se desenvolve envolvida por disputas locais, em decorrência do elevado grau de poder que o contratador detinha no contexto da concessão para a pesca. Tal posição de destaque gerou desconfiças por parte de autoridades locais, como o governador da capitania, Antonio da Silva Caldeira Pimentel, com inúmeras críticas em torno da exploração, suas desconfiças seguem até o governo sucessor, notando um embate que não se imaginava.

Notou-se assim, como o início da prática foi marcado por disputas de caráter local e pela dizimação das baleias para abastecimento paulista, mas também para exportação à metrópole, envolvendo para isso, um grande contingente de agentes de escravizados e pescadores locais, até os agentes mercantis responsáveis pela arrematação dos contratos, além do rei e de sua Coroa, beneficiados pelos excedentes. Dessa maneira, observa-se que, por vezes esquecida, a baleia também compôs os interesses e as explorações realizadas em São Paulo, longe de ser uma capitania esquecida e isolada. Com a pesquisa em andamento, as análises seguem até os anos finais de concessão de

¹⁶ *Ibid.* p. 08-09

¹⁷ *Ibid.* p. 04

¹⁸ *Ibid.* p. 270

¹⁹ DIAS, Camila B. *Op. cit.*, p. 64

Domingos Gomes da Costa, e se inauguram em uma nova dinâmica com Tomé Gomes Moreira, no qual seu período de concessão segue até o marco final da pesquisa, coincidindo com a subordinação de São Paulo ao Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Nina Vieira Portugal. **A Comparative Approach to Historical Whaling Techniques: Transfer of Knowledge in the 17th century from the Biscay to Brazil.** Cross-Cultural Exchange And The Circulation Of Knowledge In The First Global Age, ., v. , n. , p. 125-143, jan. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331400186_A_Comparative_Approach_to_Historical_Whaling_Techniques_Transfer_of_Knowledge_in_the_17_th_century_from_the_Biscay_to_Brazil. Acesso em: 07 jul. 2025.

_____. **A taxonomia da baleação portuguesa entre os séculos XV e XVIII:** uma história atlântica do mar, das baleias e das pessoas, 2020. 435f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2020. Disponível em: https://run.unl.pt/handle/10362/99551?locale=pt_PT Acesso em: 20 de jan. de 2025.

_____. **Desvendando as baleias do Brasil:** fantasmas na história global da baleação. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 19, n. 2, e20230021, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2023-0021> <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/Y8YZFp5V5H6FzzjyDXhscn/?lang=pt> Acesso em: 15 de jan. de 2025

BACHA, Marcella Faustino Fernandes. **O legado da exploração baleeira para o desenvolvimento tecnológico brasileiro.** In: IV Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de C&T, 2016. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_anais_ivspt_2/pdf_04/39%20%20%2009%20Ar%20tigo%20Mast%20-%20Baleias.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

CAMPORA, Ana Lucia. **Animais e sociedade no Brasil dos séculos XVI a XIX:** história ambiental, composição de direitos e políticas contemporâneas. In: 2º Seminário de Meio Ambiente e Sustentabilidade, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317214517_2_Seminario_de_Meio_Ambiente_e_Sustentabilidade_ANIMAIS_E_SOCIEDADE_NO_BRASIL_DOS_SECULOS_XVI_A_XI_X_HISTORIA_AMBIENTAL_COMPOSICAO_DE_DIREITOS_E_POLITICAS_CONTEMPORANEAS. Acesso em: 15 dez. 2024

DIAS, Camila B. **A pesca da baleia no Brasil colonial:** contratos e contratadores do Rio de Janeiro no século XVII. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/16897/A%20Pesca%20da%20Baleia%20No%20Brasil%20Colonial_%20Contratos%20e%20Contratadores%20do%20Rio%20de%20Janeiro%20no%20s%3a%9culo%20XVII.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 abr. 2025.

ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil Colonial.** São Paulo, Edições Melhoramentos/EdUSP. 1969.

_____. **Comerciantes e contratadores do passado colonial:** uma hipótese de trabalho. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 24, 1982. p. 97-122. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i24p97-122>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69710>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SILVA, Luiz Geraldo. **Os pescadores na história do Brasil:** Colônia e Império. Petrópolis, 1988

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo.** ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.